



# O CENTRO JUVENIL DE ARTES PLÁSTICAS E A FORMAÇÃO DE ARTE-EDUCADORES NA DÉCADA DE 1950<sup>1</sup>

## *The Juvenile Center of Plastic Arts and training art educators of the decade of the 1950*

Moysés Kuhlmann Júnior<sup>a</sup>, Ceres Luehring Medeiros<sup>b</sup>

<sup>a</sup> Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo, Professor da Universidade São Francisco, pesquisador da Fundação Carlos Chagas, São Paulo, SP - Brasil, e-mail: mkuhlmann@pq.cnpq.br

<sup>b</sup> Mestre em Educação pela Universidade São Francisco, coordenadora da área de artes do Colégio Bom Jesus, Curitiba, PR - Brasil, e-mail: ceres.medeiros@bomjesus.br

---

### Resumo

Este artigo apresenta aspectos da formação de professores de arte para atuar, principalmente, no Centro Juvenil de Artes Plásticas (CJAP), criado em 1953, pelo artista Guido Viaro, em Curitiba. Os anos 1950 destacam-se como um momento em que as Escolinhas de Artes se constituíram no Brasil, difundindo a livre-expressão como proposta inovadora para a educação das crianças. Salienta-se, neste artigo, o curso de formação de docentes vinculado ao Centro

---

<sup>1</sup> Este artigo foi elaborado com base em pesquisa de mestrado sobre “O Centro Juvenil de Artes Plásticas” (MEDEIROS, 2008), desenvolvida no âmbito do projeto “Infância e educação na história: temas e fontes”, coordenado por Moysés Kuhlmann Júnior, na Universidade São Francisco, com apoio do CNPq (auxílio à pesquisa e bolsa de produtividade).

Juvenil, os aspectos da atuação profissional destes professores sob a orientação de Guido Viaro, o perfil almejado para o professor de arte na época estudada, e a concepção pedagógica no que se refere à arte-educação. A metodologia utilizada para a pesquisa tomou como fontes de primordial importância a análise de documentos do CJAP daquele período, como: livros de matrículas, livro ponto, portarias, livro de testes, atas, livro de anotações diárias, os relatórios anuais de atividades, os trabalhos dos alunos e fotografias. Por último, é importante constatar que anteriormente à implantação dos primeiros cursos de licenciatura em arte, este Centro, contribuiu para a formação de professores de arte em Curitiba, revelando o seu caráter inovador e de vanguarda.

**Palavras-chave:** Arte-Educação. História da educação. Formação de professores.

### ***Abstract***

*This article presents aspects of the formation of art's teachers to work mainly in the Juvenile Center of Visual Arts (CJAP), established in 1953 by artist Guido Viaro, in Curitiba. The fifties stand out as a time when the Arts "Escolinhas" ("little schools") was formed in Brazil, spreading the free-expression and innovative proposal for the education of children. Highlights of this article, the course of the formation of art's teachers linked to the Juvenile Center, the aspects of professional performance of teachers under the guidance of Guido Viaro, the desired profile for the teacher of art at the time studied, and design education as refers to the art-education. The methodology used for research has importance as primary sources of the analysis of documents of that period CJAP such as: registration of books, book section, ordinances, book tests, records, daily record book, the annual reports of activities, the work of students and photographs. Finally, it is important to note that prior to deployment of the first degree courses in art, this Center has contributed to the formation of art's teachers in Curitiba, revealing its innovative and cutting edge.*

**Keywords:** *Art-Education. Education's history. Formation of teachers.*

## INTRODUÇÃO

Os anos de 1950 destacam-se como um momento em que as Escolinhas de Artes se constituíram no Brasil, difundindo a livre-expressão como proposta inovadora para a educação das crianças, o que exigia a definição do perfil profissional e ações voltadas à formação de educadores para desenvolver esse tipo de trabalho. Essa década precede a Arte como disciplina escolar e antecede a implantação dos cursos universitários, formadores de arte-educadores.

Neste artigo, apresentam-se aspectos da formação de professores de arte para atuar, principalmente no Centro Juvenil de Artes Plásticas (CJAP), criado em 1953, pelo artista Guido Viaro, em Curitiba, como parte de uma política pública de promoção da educação e cultura e, por consequência, da educação artística para as crianças. Destaca-se o curso de formação de docentes vinculado ao Centro Juvenil, que acontecia no Instituto de Educação do Paraná, assim como os aspectos do que pode ser caracterizado como uma formação continuada, pelo acompanhamento da atuação profissional desses professores, no CJAP, sob a orientação de Guido Viaro. Nessa análise, caracteriza-se o perfil almejado para o professor de arte e a concepção pedagógica, no que se refere à arte-educação, naquela época.

A metodologia utilizada para a pesquisa tomou como fontes de primordial importância a análise de documentos do CJAP daquele período, como: livros de matrículas, livro ponto, portarias, livro de testes, atas, livro de anotações diárias, os periódicos que acompanharam os trabalhos desenvolvidos pelo Centro, os relatórios anuais de atividades, os trabalhos dos alunos, fotografias, cartazes e as fotos e registros do professor Guido Viaro (principal mentor do Centro Juvenil de Artes Plásticas, além de intelectual e artista de grande importância para cultura paranaense).

## O Centro Juvenil de Artes Plásticas

Vem realizando o Prof. Guido Viaro, no Paraná, uma obra junto das crianças de alcance futuro incalculável. Pintor e professor de pintura, ele as vem fazendo pintar desde alguns anos, numa idade em que tudo é espontâneo e nasce, diríamos, do instinto puro [...] Que é que significa esta exposição? Crianças quase sem nenhum aprendizado expondo quadros, combinando cores, transpondo para o plano de suas imaginações o que a realidade e a natureza lhes põem ao alcance da visão? (LINHARES, 1953).

A citação acima se refere à 1ª Exposição de Pintura do Centro Juvenil de Artes Plásticas, ocorrida em 1953. Temístocles Linhares, professor da UFPR,

crítico literário e historiador, tece elogios ao trabalho de arte com as crianças, realizado pelo professor Guido Viaro.

Segundo Correia (2005), em toda a década de 1940 e início da década de 1950, a capital paranaense era destacada como uma cidade rumo ao “progresso”. Assim construiu-se, com base num discurso “moderno”, uma imagem de Curitiba como uma cidade próspera. Neste contexto, aproveitando as comemorações do *Centenário da Emancipação Política do Paraná*, o governador do Estado do Paraná, Bento Munhoz da Rocha Netto, empenhado em incentivar a cultura e a arte, convidou Guido Viaro para organizar uma exposição comemorativa do *Centenário*, em conjunto com as professoras Eny Caldeira, Emma Koch, Odete de Melo Cid e Lenir Mehl.

Viaro havia sido designado para exercer a Chefia do Serviço de Artes Plásticas da Secretaria do Estado da Cultura, pela Portaria 1937 de 22/07/1952. Eny Caldeira era diretora do Instituto de Educação do Paraná (IEP) de 1952 a 1955. Emma Koch, professora, artista e arte-educadora, exerceu a função de técnica da Secretaria de Educação e Cultura na seção do ensino artístico de 1949 a 1952. Odete de Melo Cid e Lenir Mehl foram alunas do IEP, onde, em 1951, fizeram um Curso de Aperfeiçoamento de Desenho, no qual Viaro ministrava Desenho e História da Arte.

Eny Caldeira, que dividia com Guido Viaro as mesmas ideias com relação à arte e à importância da arte na educação, propôs uma exposição de desenhos de crianças e ambos iniciaram a coordenação dos trabalhos. Instituiu-se uma parceria entre o Instituto de Educação do Paraná, o Departamento de Cultura da Secretaria de Educação e Cultura e a Escola de Música e Belas Artes do Paraná (EMBAP), para a promoção de um concurso de desenhos de crianças. O concurso que culminaria na exposição foi organizado envolvendo crianças das escolas primárias e secundárias do Paraná.

Foi no contexto da organização desta exposição que se criou o Centro Juvenil de Artes Plásticas, pelo Secretário da Educação, João Xavier Viana, em 17 de junho de 1953, como instituição anexa ao Instituto de Educação, de acordo com o Decreto n. 9.628, publicado no Diário Oficial. Viaro foi nomeado diretor deste Centro e uma equipe de professoras foi contratada para auxiliá-lo.

É importante destacar que o CJAP foi inaugurado num período de grandes discussões sobre a expressão da criança por meio da arte e na mesma época em que surgiram outras Escolinhas de Arte que visavam à produção artística infantil espontânea, como a Escolinha de Artes do Brasil, criada por Augusto Rodrigues, no Rio de Janeiro.

Viaro, Odete de Mello Cid e Lenir Mehl estiveram em 34 escolas, na maioria grupos escolares, e conseguiram que 13 mil crianças fizessem pinturas para se candidatar. (OSINSKI, 1998). A seguir, o relato de Nésia Pinheiro Machado Gaia, que participou da exposição de 1953.

Na época eu deveria estar na 3ª série do 1º grau. Daí eu recordo que entrou na sala de aula o professor Guido Viaro, que eu não conhecia. Não tinha a menor idéia de quem era, com uma professora que eu também não sei se era a professora Odete. Naturalmente, deveria ser, porque ela atuou com ele nesse trabalho. Então eles chegaram como sempre, com aquele jeito sério, sisudo. Assim, sem falar nada, foi colocando um papel em cima de cada carteira e uma caixinha de lápis, que depois de vazia ele colocou uns cubinhos de aquarela. Mais tarde ele me deu uma. Eu tive uma dessas. Deu um pincel, um copinho de água e disse: “façam uma pintura”. Só não disse faça isso. Eu me lembro que naquela época eu fui uma criança muito religiosa. E ali no Cristo Rei [bairro de Curitiba], tem a igreja do Cristo Rei, onde eu era atuante. A minha infância eu vivi ali: cantava no coro da igreja e aquelas coisas hoje não existem mais. Mas naquela época a comunidade estava toda voltada para isso. E a minha temática era sempre realizada em cima de procissões e Guido adorou (GAIA, 1989, p. 21).

No relato da ex-aluna do Centro percebe-se como aconteceu o processo de aplicação dos “testes” – desenhos e pinturas que as crianças faziam em sala de aula – e a sua seleção para a 1ª Exposição. Os critérios de seleção, segundo Osinski (2006), eram a liberdade nos temas e certa espontaneidade expressionista no tratamento das imagens.

Viaro teria selecionado mil trabalhos para a exposição, denominada 1ª Exposição de Pintura do Centro Juvenil de Artes Plásticas, aberta em 19 de dezembro de 1953, no barracão do Ginásio do Tarumã. Além da participação na exposição, cada criança classificada, geralmente entre 6 e 14 anos, ganhou uma bolsa de estudos para estudar Arte no CJAP. Apesar de várias fontes atestarem como mil trabalhos selecionados para a 1ª Exposição, no catálogo da referida exposição há somente 488 trabalhos registrados. Além destes, encontram-se 48 trabalhos coloridos, da década de 1950, que estão no Centro Juvenil, mas não há qualquer registro de que estes trabalhos tenham feito parte da Exposição de 1953.

Segundo Osinski (1998), a exposição foi um sucesso, funcionando como uma estratégia de promoção da educação artística infantil entre os pais dos alunos e na comunidade em geral. Contou com a presença das crianças escolhidas, de seus respectivos pais, convidados e autoridades. Eny Caldeira e Viaro, no entanto, tinham ideias mais audaciosas: pretendiam criar em todas as escolas um centro de artes.

## O Centro Juvenil de Artes Plásticas e a formação dos professores

Com a criação do CJAP, surgiu a proposta de se formar professores com uma nova metodologia para o ensino da arte, para trabalhar tanto na Escolinha como nas escolas de ensino regular. O “Curso de Aperfeiçoamento em Desenho e Artes Aplicadas” recebia normalistas do último ano do Instituto de Educação do Paraná e professoras de desenho de escolas da capital. Para o curso, dava-se preferência às normalistas em detrimento dos estudantes de arte, por considerar que aquelas estariam mais aptas ao trato com crianças.

O curso, que funcionava no Instituto de Educação do Paraná, visava proporcionar uma formação artística básica e o conhecimento das teorias relativas ao desenho infantil, em relação com a pedagogia. Com duração aproximada de um ano letivo, tinha como matérias: Desenho Interpretativo, Psicologia do Desenho, Metodologia e Desenho Pedagógico, Composição Decorativa, Desenho Artístico, História da Arte e Estágio.

No ano de 1954, o corpo docente especializado contava com os seguintes professores: Eny Caldeira, Psicologia do Desenho (1 aula); Lenir Mehl, Composição Decorativa (2 aulas) e Estágio (6 aulas); Emma Koch, Metodologia e Desenho Pedagógico (2 aulas); Odette de Mello Cid, Desenho Artístico (2 aulas) e Guido Viaro, Desenho Interpretativo (3 aulas) e História da Arte (2 aulas).

Na disciplina de Desenho Interpretativo, é marcante a intenção de fornecer meios para a observação e a classificação das crianças:

1. classificação da criança segundo sua adaptação social;
2. a criança segundo o tipo somático;
3. os introvertidos, os extrovertidos e os dengosos segundo a modalidade da linha expressa;
4. segundo os motivos preferidos e o traço expresso é possível estabelecer um controle sobre as qualidades motoras e a adaptação ou não da criança no ambiente onde vive;
5. pela maneira de estender a cor ou pelo emaranhado das linhas, possibilidade de estabelecer a idade da criança e sua normalidade, se existir;
6. a cor sendo a base da expressão infantil, é possível pela mesma, constatar uma porção de problemas psíquicos da criança;
7. os mesmos temas escolhidos pela criança sugerem uma quantidade de suposições úteis para o educador;
8. a escolha dos trabalhos a serem expostos carece de

grandes cuidados por parte da monitora.  
(SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA  
DO ESTADO DO PARANÁ, 1957).

No “Diário de Aula” de 1954, relacionam-se os assuntos tratados na disciplina de Desenho Pedagógico, por Emma Koch: processo criativo infantil; características, tentativas e fases da criação infantil; condições externas e internas para uma atividade criativa; material adequado para a atividade criativa; formas de imaginação que contribuem para o desenho de memória e imaginação entre outros. (SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA DO PARANÁ, 1954).

De acordo com Osinski (1999), Emma Koch acreditava que as professoras deviam deixar a criança manifestar espontaneamente sua arte. O importante era ensinar o aluno a pensar, ver e sentir por meio da expressão pessoal. A orientação da professora deveria ser discreta para não romper com o processo criativo do aluno. Para isso, era primordial uma boa formação pedagógica e artística, aliada ao elemento humanista.

Nas propostas para as disciplinas de Desenho Interpretativo e de Desenho Pedagógico, observa-se a aproximação com as teorias de John Dewey, Viktor Lowenfeld e Herbert Read, intelectuais e pensadores que embasaram novas práticas e ações para a educação artística, no âmbito do ideário da Escola Nova.

Afirma Dewey que a arte e a criação são necessárias para que o trabalhador não jogue seus pensamentos apenas em atividades mecânicas e utilitárias, mas que o descobrir, o pesquisar também estejam presentes nas suas vidas. Características como a criação, a curiosidade, a descoberta são essenciais para a moderna vida intelectual e para que a criança conheça a si mesma, a sociedade da qual faz parte e participa. Reforça que também são importantes os trabalhos manuais nas escolas desde a educação infantil, porque proporcionam disciplina, hábitos de trabalho e atenção, além do sentimento de dignidade do trabalho (DEWEY, 1978).

O filósofo e teórico da arte Herbert Read considerava que a arte deveria ser a base da educação como um todo. Read preocupava-se com a civilização da tecnologia, que teria deixado de lado a sensibilidade, por isso, acreditava que os fenômenos sensoriais concretos da arte deveriam ser incorporados à vida cotidiana. A “educação pela arte” visaria a criar agitação, crescimento e poder imaginativo, única forma de evitar-se a barbárie (READ, 1968).

Lowenfeld também acreditava no educar pela arte e desenvolveu uma metodologia para efetivar a aplicabilidade do ensino artístico por meio da capacidade criadora. Ele acreditava que os sentidos eram a base da aprendizagem e a atividade artística um meio de trabalhar a coordenação motora e o psicológico da criança. Lowenfeld concentrou sua análise nas diferentes fases de desenvolvimento humano e sistematizou as expressões artísticas em faixas etárias.

Defendeu a livre-expressão da criança, por não haver a noção de certo ou errado na sua representação artística. Ao professor, caberia proporcionar um ambiente afetivo e estimular a capacidade inventiva dos alunos (SIMÃO, 2003).

Lowenfeld faz considerações ao professor que, para ele, deve desempenhar o papel de animador, tendo flexibilidade suficiente para perceber os interesses das crianças e capitalizar as ações para esse fim (OSINSKI, 2001).

No programa do referido “Curso de Aperfeiçoamento em Desenho e Artes Aplicadas” havia um estágio, no qual, as alunas manipulavam materiais, conheciam técnicas na prática, e vivenciavam a experiência diária com as crianças. Os estágios dos cursos eram feitos nas sedes do Centro Juvenil de Artes Plásticas, na Escola de Música e Belas Artes do Paraná e na Biblioteca Pública do Paraná (BPP). Ao final do curso, as participantes realizavam uma exposição de seus trabalhos na Sala de Exposições da Biblioteca Pública do Paraná, quando se dava a solenidade de entrega dos certificados.

A importância teórica e prática do curso exprime-se nas ideias de Lowenfeld e Brittain sobre o perfil do professor de arte:

Um professor que nunca tenha passado pelo processo de criar com um material artístico específico jamais compreenderá o tipo peculiar de raciocínio, de reflexão, o qual é necessário para trabalhar com o barro, com as tintas ou com qualquer outro elemento. Isto significa que o professor deve estar verdadeiramente envolvido na criação com esses materiais, não sendo bastante que os conheça de um modo abstrato, por ter lido ou por ter realizado, mecanicamente, algum projeto (LOWENFELD; BRITTAİN, 1970, p. 83).

Da primeira turma 14 alunas de um total de 26 se formaram e, destas, algumas passaram a atuar no próprio CJAP, como Hebe Pinheiro Lima, Eloína Motta Nunes, Odila de Carvalho Nápoli e Elza Baêta de Faria.

Em 1955, o curso contou com os professores: Guido Viaro (História da Arte e Desenho Interpretativo); Marcília Bruno e Eloína Motta (Metodologia e Prática); Odette de Mello Cid (Xilogravura e Desenho Decorativo); Lenir Mehl e Eloína Motta (Estágio). Segundo o Livro ponto e o Diário de Aula do Curso de Aperfeiçoamento em Desenho, das 34 alunas matriculadas no curso de 1955, apenas 8 alunas fizeram os exames finais, das quais foram atuar no CJAP: Claudete Wolkan, Eleusa Parise e Lucy Malucelli. Observa-se nos diários muitas faltas e desistências das alunas.

Apesar do Curso de Aperfeiçoamento em Desenho e Artes Aplicadas funcionar desde 1954, somente em 1957 foi oficializado, na Portaria n. 917, de 15



de março, com a denominação de “Curso de Extensão de Desenho, Pintura, Gravura e Artes Aplicadas”.

O curso continuou por mais alguns anos, no entanto, não foram obtidos mais dados sobre o seu funcionamento. Posteriormente, no Museu Alfredo Andersen, foi criado o “Curso de Artes Plásticas na Educação” funcionando até 1974, que foi o embrião da Licenciatura Plena em Artes Plásticas da Faculdade de Artes do Paraná (OSINSKI, 1998).

É importante lembrar que nesse período não existiam cursos superiores de formação de educadores em arte. Somente em 1971, com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, é que surgem os Cursos de Educação Artística nas Universidades, em decorrência da criação desta disciplina no currículo escolar.

## O cotidiano do centro e seus professores

A proposta do CJAP era receber, como alunos da *Escolinha*, indistintamente, crianças de todos os grupos escolares da capital e também de escolas particulares. (MUSEU DE ARTE DO PARANÁ, 1997). O “Anteprojeto do Regulamento do Centro Juvenil de Artes Plásticas do Paraná” dispõe sobre a competência da instituição:

- Art. 95.º – Ao Centro Juvenil de Artes Plásticas compete:
- I – Incentivar a atividade criadora das crianças e adolescentes, dando-lhes, através das artes plásticas, a oportunidade de se exprimir espontaneamente.
  - II – Proporcionar-lhes, através do desenho, da pintura, da modelagem e da cerâmica, o convívio com crianças da mesma idade, eliminando possíveis barreiras sociais e étnicas e fortalecendo seu espírito de observação.
  - III – Manter serviço de assistência e orientação nos grupos escolares, através de palestras, testes vocacionais e certames artísticos.
  - IV – Colaborar com instituições culturais e artísticas, públicas e privadas, por meio de intercâmbio e empréstimo de material.
  - V – Estimular e cooperar na organização de ‘escolinhas de arte’ em locais não assistidos pelo Centro.
  - VI – Organizar semanas educacionais no interior do Estado, promovendo exposições e palestras sobre arte infantil.
  - VII – Promover cursos de especialização.

VIII – Aperfeiçoar professores nas técnicas de desenho, pintura, modelagem e cerâmica.

IX – Divulgar pela imprensa, rádio e televisão suas atividades, procurando o interesse dos pais e dos próprios alunos.

X – Promover cursos de pintura e modelagem para adultos, desde que não interfiram nas atividades normais do Centro. (CENTRO JUVENIL DE ARTES PLÁSTICAS, [19--?]).

No documento intitulado “Finalidades do Centro Juvenil de Artes Plásticas”, Vairo manifestava o potencial da arte como instrumento para se conhecer a criança:

O Centro Juvenil de Artes Plásticas tem a finalidade de proporcionar à criançada do Paraná a possibilidade de pintar, mas de pintar sem fazer jus à nota, pintar pelo prazer de estar em confidência íntima com ela mesma. [...] O Centro Juvenil de Artes Plásticas não procura formar artistas [...] mas de formar se possível, gente sensível, de bom gosto, capaz de discernir o belo, onde quer que ele se encontre, capaz de escolher uma obra de arte, de valorizar um artista pelo que efetivamente pode valer através de sua obra exposta. [...] A criançada testada deverá achar no novo ambiente, onde o curso funciona em horas diferentes do período escolar, numa atmosfera de entusiasmo, num ambiente previamente decorado com trabalhos de grandes artistas da atualidade, e outros escolhidos entre os da própria criançada, para que os mesmos alunos possam ver que, arte não é uma cópia da natureza, mas sim uma transposição de linhas, formas e cores da própria natureza, filtrada pela própria sensibilidade do artista. [...] Assim a nossa escola passou a valorizar as mãos da criança, através das atividades espontâneas, auxiliando assim o desenvolvimento da inteligência, da vontade e do caráter. A correlação da atividade criadora com as manifestações da afetividade e da inteligência abriu um mundo novo na prática do estudo da criança. (CENTRO JUVENIL DE ARTES PLÁSTICAS, [19--?]).

As professoras do Centro Juvenil precisariam atuar como orientadoras, provendo materiais, auxiliando tecnicamente e estimulando a criança a encontrar seu próprio caminho, mantendo um elo afetivo com as crianças, que Vairo chamava de seres sensíveis:

Na escolha das monitoras não são visadas apenas as qualidades artísticas ou habilidades técnicas (porque ficou cabalmente provado que certas qualidades técnicas não correspondem quase nunca às qualidades pedagógicas), mas sim finura psicológica tão imprescindível para tratar com elementos tão difíceis e cheios de melindres. Um olhar frio, a falta de sorriso habitual, será o suficiente para inibir uma criança que se apresenta aberta como uma flor para receber o batismo maternal da monitora, sua mestra, no novo dia de trabalho. (CENTRO JUVENIL DE ARTES PLÁSTICAS, [19--?]).

A consciência do valor da arte na educação integral exigia ainda a capacidade para “ler” no desenho e na pintura da criança, as suas preocupações e a mensagem dos seus trabalhos:

Dentro de uma atmosfera de liberdade, a criança vence, normalmente, os sucessivos estágios do seu desenvolvimento e o professor se livra daquela tensão característica do ensino acadêmico de arte. Mas, se por um lado o professor liberta-se das normas coercitivas, resta-lhe uma tarefa mais sutil e complexa — é levado ao esforço de observar mais profundamente a criança e de habilitar-se para descobrir e desenvolver, plenamente, a capacidade inata de cada um dos seus discípulos. (VIARO, 1959, p. 28).

O amor à profissão, o carinho e respeito com os alunos, a alegria em estar na *Escolinha*, eram condições fundamentais para a construção do ambiente das oficinas, onde não se poderia interferir no trabalho do aluno:

Aos menores é estimulada a livre-expressão, tendo as orientadoras instruções expressas de Viaro para não sugerir temas ou interferir no trabalho da criança. (MUSEU DE ARTE DO PARANÁ, 1997, p. 20).

Erasmus Pilotto, que foi Secretário de Educação e Cultura e incentivador da Escola Nova no Paraná, compartilhava dessas ideias. Para ele:

A mestra devia cultivar a música, o desenho, a dicção, ser sensível à harmonia das cousas, delicada de gosto, ter a delicadeza de maneiras, que emanam de um coração sensível aberto às manifestações da alma infantil. Através da arte, devia-se levar o educando a participar da grandeza

do mundo, em seu pleno sentido, por ser este um excelente caminho, de alta eficácia, para envolver as crianças e a juventude. O educador, assim devia envolver o educando em um ambiente de sensibilidade e arte. (OLIVEIRA; SIMÃO, 2005, p. 106-119).

No mesmo sentido, de acordo com Lowenfeld e Brittain (1970), o professor de arte “tem a importante tarefa de proporcionar uma atmosfera conducente às expressões de inventiva, de exploração e de realização”, uma pessoa cordial, afetiva e democrática, capaz de fazer com que a criança possa produzir melhor.

É importante dizer que a autoexpressão da criança, para Lowenfeld (1977, p. 60-61), era algo a ser preservado a qualquer custo: “modificar seu desenho ou sua pintura, para satisfazer algum capricho do professor de arte será, na maioria dos casos, incompreensível para uma criança.”

Lowenfeld pontua que a expressão plástica infantil não deve visar à produção de artistas, sua finalidade deve consistir, antes, em servir à criança como importante ajuda ao seu desenvolvimento atrelado às experiências sensoriais, sem se preocupar com o fato de ser agradável ao gosto do adulto. Busca, sobretudo, um processo formativo do humano. (DUARTE Jr., 1991).

O cotidiano do CJAP envolvia o curso de aperfeiçoamento, os cursos de pintura e modelagem ofertados para as crianças e as visitas aos grupos escolares da capital para promover e divulgar o Centro com o intuito de buscar mais alunos. Nos “Livros de Anotações Diárias” e no “Livro de Atas”, destacam-se a aplicação dos “testes” que eram uma estratégia de divulgação do Centro e aconteciam durante o ano todo, praticamente (CENTRO JUVENIL DE ARTES PLÁSTICAS, 1956-74). As professoras iam até os grupos escolares e pediam para que as crianças desenhasssem e pintassem. Com base nisso, classificavam os desenhos e ofertavam bolsas para o Centro.

Osinski (1998) aponta que os “testes” eram uma estratégia para imprimir seriedade às atividades, para a direção das escolas, alunos e pais. Serviam também como meio de publicidade da Instituição, além de valorizar a imagem da arte perante a comunidade. A intenção de Viaro, em médio e longo prazo, era a introdução de escolinhas de arte em todo o sistema público escolar. Não sendo isso possível de imediato, via nos “testes” uma maneira de penetrar nesse sistema e aí defender suas ideias.

O “Livro de Posse” é outro documento que pode suscitar uma pesquisa aprofundada em relação à formação do professor e da questão profissional no CJAP. Além dos termos de posse, o livro possui um cadastro das professoras. Cada professora tem registrado o seu endereço, todos os cursos que fez, a Escola em que estava lotada e a espécie de contrato com o Estado do Paraná.

Segundo estudo nos livros ponto do CJAP, as professoras que atuaram no Centro na década de 1950 foram: Aldahyr Caron; Ariovaldina Lourenço; Audali K. Gallieri; Claudete Wolkan; Eleusa Parise; Eloína Motta; Elza Rebêlo Baêta de Faria; Giuseppina Goyon; Glacy Ballão; Guilhermina Fernandes; Hebe Pinheiro Lima; Lenir Mehl; Lucy Malucelli; Luzia Malucelli Klas; Nivette Durski; Odette de Mello Cid; Odila de Carvalho Nápoli; Regina Marli Gama; Ruth Tramuja Furtado e Vitória S. Bastos.

As aulas do CJAP realizavam-se em dois locais. Os alunos maiores ficaram no sótão da Escola de Música e Belas Artes do Paraná e os menores foram, em 1955, por meio de um acordo político, para o subsolo do recém-inaugurado prédio da Biblioteca Pública do Paraná (VIARO, 1996). Sua instalação na Biblioteca Pública pretendia unir a produção intelectual à arte. Neste espaço, o CJAP ficou por 35 anos até obter uma sede própria.

Nos “Livros de Anotações Diárias”, além de aplicações de “testes”, há registros de pagamentos das professoras, problemas diversos, dias de feriado, clima da cidade, eventos e acontecimentos políticos, transferências de professoras, requisição de materiais, livros ponto, prestação de contas, entre outros. (CENTRO JUVENIL DE ARTES PLÁSTICAS, 1959).

Destaca-se a seleção e exposição semanal dos “melhores trabalhos” das crianças, feitas aos sábados pelas professoras, marcada como uma importante atividade da *Escolinha*, ao longo de toda a década de 1950. Essas exposições cumpriam com o objetivo de dar visibilidade ao trabalho diário das crianças, para elas mesmas, para as professoras e para os visitantes, como se nota em registro de 21 de março de 1959: “Os melhores ficarão expostos durante toda a semana seguinte, para estímulo dos alunos.” (CENTRO JUVENIL DE ARTES PLÁSTICAS, 1959). Resta questionar quais critérios eram utilizados para a seleção e que trabalhos eram eleitos como “os melhores”. Outra indagação é se essa seleção gerava a fixação de padrões e modelos. Além das exposições semanais, também a exposição anual e a exposição individual de Guido Viaro eram registradas.

Era na figura de Guido Viaro que recaíam todas as decisões tomadas pelo Centro. Ele elaborava o plano anual dos trabalhos a serem desenvolvidos e o relatório anual de atividades, além de representar o CJAP nas instâncias sociais e oficiais, didáticas e administrativas. Mesmo com a exigência de capacitação profissional para atuar no Centro, as ações das professoras também eram acompanhadas por ele. Esse acompanhamento incluía desde a orientação no que se refere ao ensino artístico, até a supervisão do livro ponto em relação aos horários e à assiduidade das professoras. Em vários documentos há avisos para se assinar o ponto e não se ausentar do trabalho, com alertas de que as faltas só seriam justificadas com atestado médico.

Além do cumprimento das regras, o exercício profissional deveria envolver o compromisso com as finalidades do CJAP, como se observa na Portaria n. 6, de novembro de 1956:

As Sras. professoras do CJAP, são a todos os efeitos professoras especializadas – só para esse fim foram designadas a prestar serviço no Centro Juvenil de Artes Plásticas, para o fim especial e orientar a juventude nas artes do desenho e pintura – orientá-los – assisti-los – antecipar-se no que pode haver de necessidade expressa ou apenas ventilada pela criança. Só assim a professora preenche sua verdadeira função junto ao CJAP. De outra maneira – a maneira dos grupos escolares já não serve para nós. Agora, se alguma professora não estiver contente com a atividade artística, não sentir o que há de belo nessa missão, pode pedir sua transferência em qualquer dos grupos da Capital que a Direção do Centro fará o possível para atendê-la. Coordenador: Viaro (CENTRO JUVENIL DE ARTES PLÁSTICAS, 1956-1969).

A ameaça de remoção das professoras descontentes ou que não cumpriam as regras associa-se a uma crítica aos grupos escolares, que funcionariam de uma “maneira que já não serve para nós”. O CJAP se apresentava assim como uma instituição diferenciada e modelar, também na sua atuação profissional. Mas o estímulo ao compromisso profissional também se fazia por meio de elogios, como ocorreu na Portaria n.º 10, de dezembro de 1957:

Senhoras professoras: A Direção do CJAP, considerando o imenso trabalho despendido pelas professoras ao referido Centro, quer nos ‘testes’ escolares, quer nas aulas de pintura espontânea dadas a centenas de alunos testados, quer no Curso de Extensão de Desenho e Artes Aplicadas para professoras do interior do Estado, tem a honra de declarar um voto de louvor a todas as professoras do Centro que com abnegação e carinho souberam despertar interesse e entusiasmo nos alunos a elas confiados, melhorando dessa maneira o preparo dos mesmos para um reencontro definitivo da alma infantil [...]. Viaro. Diretor do CJAP (CENTRO JUVENIL DE ARTES PLÁSTICAS, 1956-1969).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao pesquisar sobre a história do Centro Juvenil de Artes Plásticas pôde-se verificar seu papel como incentivador do ensino da arte, principalmente no período que precedeu a formalização do ensino da arte no Brasil. O Centro

Juvenil, anteriormente à implantação dos primeiros cursos de licenciatura em arte contribuiu para a formação de alunos, professores de arte e de artistas em Curitiba, pela sua inserção no cenário artístico e intelectual da década de 1950.

Ao se constituir como instituição modelar, associada ao sistema educacional regular, o CJAP possibilitou tanto uma formação inicial apoiada nas atividades de estágio, como a formação em serviço, para aquelas professoras que ingressaram na instituição e assumiram, muitas vezes, a função de formadoras de outras professoras para atuarem nos grupos escolares.

## REFERÊNCIAS

CENTRO JUVENIL DE ARTES PLÁSTICAS. **Anteprojeto do Regulamento do Centro Juvenil de Artes Plásticas do Paraná**. Curitiba: [19--?]. (Documento datilografado. Arquivo do Centro Juvenil de Artes Plásticas).

\_\_\_\_\_. **Finalidades do Centro Juvenil de Artes Plásticas**. Curitiba: [19--?]. (Documento datilografado. Arquivo do Centro Juvenil de Artes Plásticas).

\_\_\_\_\_. **Livro de anotações diárias**. Curitiba, 1959. (Documento manuscrito. Acervo do Centro Juvenil de Artes Plásticas).

\_\_\_\_\_. **Livro de atas**. Curitiba, 1956-1974. (Documento manuscrito Acervo do Centro Juvenil de Artes Plásticas).

\_\_\_\_\_. **Livro ponto**. Curitiba, 1954-1955. (Documento manuscrito Acervo do Centro Juvenil de Artes Plásticas).

\_\_\_\_\_. **Livro ponto**. Curitiba, 1955-1956. (Documento manuscrito Acervo do Centro Juvenil de Artes Plásticas).

\_\_\_\_\_. **Livro ponto**. Curitiba, 1956-1957. (Documento manuscrito Acervo do Centro Juvenil de Artes Plásticas).

\_\_\_\_\_. **Livro ponto**. Curitiba, 1957. Documento manuscrito. Acervo do Centro Juvenil de Artes Plásticas.

\_\_\_\_\_. **Livro ponto**. Curitiba, 1958-1960. (Documento manuscrito Acervo do Centro Juvenil de Artes Plásticas).

\_\_\_\_\_. **Livro de posse**. Curitiba, 1954-1976. (Documento manuscrito Acervo do Centro Juvenil de Artes Plásticas).

---

\_\_\_\_\_. **Portarias**. Curitiba, 1956-1969. (Acervo do Centro Juvenil de Artes Plásticas).

CORREIA, A. P. P. Arquitetura escolar: a cidade e a escola rumo ao “progresso” – Colégio Estadual do Paraná (1943-1953). In: BENCOSTTA, M. L. A. **História da educação, arquitetura e espaço escolar**. São Paulo: Cortez, 2005.

DEWEY, J. **Vida e educação**. Tradução de Anísio Teixeira. São Paulo: Melhoramentos, 1978.

DUARTE Jr., J. F. **Por que arte-educação?** Campinas: Papyrus, 1991. (Coleção Ágere).

GAIA, N. P. M. **Entrevista concedida a Daniela Pedroso**. Curitiba, 7 jun. 1989.

LINHARES, T. A Exposição Infantil de Guido Viaro. In: SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA DO PARANÁ. Instituto de Educação do Paraná. **1.ª Exposição de pintura do Centro Juvenil de Artes Plásticas**. Curitiba: Imprensa Oficial do Estado, 1953. (Catálogo de exposição).

LOWENFELD, V.; BRITTAIN, W. L. **Desenvolvimento da capacidade criadora**. Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo: Mestre Jou, 1970.

LOWENFELD, V. **A criança e sua arte**. São Paulo: Mestre Jou, 1977.

MEDEIROS, C. L. **O Centro Juvenil de Artes Plásticas e suas relações com o ensino da arte no Brasil da década de 1950**. 2008. 119 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação da Universidade São Francisco, Itatiba, 2008.

MUSEU DE ARTE DO PARANÁ. **Guido Viaro, uma lição de arte**. Curitiba, 1997.

OLIVEIRA, M. C. M. de; SIMÃO, G. T. Educar pela arte: a proposta de uma aprendizagem escolar. **Revista HISTEDBR On-line**, n. 20, p. 106-119, 2005. Disponível em: <[http://www.histedbr.fae.unicamp.br/art11\\_20.pdf](http://www.histedbr.fae.unicamp.br/art11_20.pdf)>. Acesso em: 15 nov. 2008.

OSINSKI, D. R. B. **Arte, história e ensino, uma trajetória**. São Paulo: Cortez, 2001.

\_\_\_\_\_. Emma e Ricardo Koch: uma visão pedagógica integradora da arte com a vida. **Projeções. Revista de Estudos Polono-Brasileiros**, ano 1, n. 2, p. 66-77, 1999. Disponível em: <<http://www.artes.ufpr.br/publicacoes/dulce/>>



---

Emma%20e%20Ricardo%20Koch%20-%20Artigo.doc>. Acesso em: 15 nov. 2008.

\_\_\_\_\_. **Ensino da arte:** os pioneiros e a influência estrangeira na arte-educação em Curitiba. 1998. 326 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1998.

\_\_\_\_\_. **Guido Viaro:** modernidade na arte e na educação. 2006. 379 f. Tese (Doutorado em Educação) – Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2006.

READ, H. **Arte e alienação:** o papel do artista na sociedade. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA DO PARANÁ. Instituto de Educação do Paraná. **Livro ponto e diário de aula do Curso de Desenho.** Curitiba, 1954.

\_\_\_\_\_. **Portaria n. 917**, de 15 de março de 1957. Institui o Curso de Extensão de Desenho, Pintura, Gravura e Artes Aplicadas a ser ministrado pelo Centro Juvenil de Artes Plásticas. Acervo do Museu de Arte Contemporânea do Paraná. Pasta CJAP 1.2.

SIMÃO, G. T. **Emma Koch e a implantação das Escolinhas de Arte na rede oficial de ensino:** mudanças na cultura escolar curitibana. Curitiba, 2003. 170 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2003.

VIARO, C. **Guido Viaro.** Curitiba: Champagnat, 1996.

VIARO, G. A propósito de exposições. **O Estado do Paraná**, Curitiba, 23 maio 1959.

Recebido: 10/01/2009

*Received:* 01/10/2009

Aprovado: 04/02/2009

*Approved:* 02/04/2009

Revisado: 22/07/2009

*Reviewed:* 07/22/2009